

ALBERT CAMUS: TEMPORALIDADE E NATUREZA HUMANA

ALBERT CAMUS: TEMPORALITY AND HUMAN NATURE

GABRIEL FERREIRA DA SILVA*

Resumo: Pretendemos, neste trabalho, mostrar alguns aspectos da análise camusiana da temporalidade no registro dos conceitos de Absurdo e Revolta, sobretudo como caminho possível para o estabelecimento do conceito de Natureza Humana, fundamental para sua ontologia do humano, a partir do qual Albert Camus empreende todo seu pensamento ético, estético e metafísico.

Palavras-chave: Albert Camus; temporalidade; Natureza Humana; existência.

Abstract: In this paper we present some aspects of the analysis of temporality that Albert Camus gave using the ideas of The Absurd and Revolt, above all with respect to how they mark a possible path for his development of the concept of Human Nature. This concept was fundamental for his human ontology which itself formed the basis for his whole ethical, aesthetical, and metaphysical thought.

Key-words: Albert Camus; temporality; Human Nature; existence.

“Se as teorias filosóficas te seduzem, senta-te e volta-te para ti mesmo.” (Epicteto)

No horizonte teórico das assim chamadas filosofias da existência, a temática do tempo é sempre um assunto premente. Podemos dizer que ela se relaciona com os problemas existenciais de tantas maneiras quantas são as aproximações e análises da existência humana realizada por tais filósofos. Na obra do filósofo, literato e dramaturgo argelino Albert Camus (1913-1960) não é diferente; nela, a questão da temporalidade pode servir tanto como fonte e origem do desdobramento conceitual dos conceitos de Absurdo e Revolta (temporalidade visada como duração e finitude da existência), quanto elemento constituinte e objeto da ação do homem revoltado com sua existência metafisicamente absurda (re-valorização da temporalidade e presente como “espaço” para a ação ética e apropriação de si).

Assim, pretendemos analisar alguns aspectos do trato da questão da temporalidade por meio dos conceitos de Absurdo e Revolta já que, em

* Gabriel Ferreira é pesquisador na Faculdade de Filosofia de S. Bento, SP. E-mail: Gabriel.camus@gmail.com

ambas as vias acima citadas, irrompe para Camus quase necessariamente a idéia, senão o conceito, de Natureza Humana, traço distintivo da filosofia existencial camusiana.

1. ABSURDO COMO DESVELAMENTO DA TEMPORALIDADE

Na vida ordinária que precede a tomada de consciência de sua real situação, o Homem projeta-se adiante no tempo – para o futuro – como se este pudesse ser controlado ou conformado aos seus desejos. Camus aponta esta postura de uma pretensão de domínio da temporalidade em nosso ato de fazer planos:

Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com finalidades, com uma preocupação de futuro ou justificação (não importa aqui averiguar em relação a quem ou a quê). Ele avalia as suas possibilidades, conta com o mais tarde, com a sua reforma ou com o trabalho dos filhos. Ainda julga que qualquer coisa na sua vida se pode dirigir.¹

Para o autor, entretanto, essa relação quase ingênua com a temporalidade é índice da não-experiência de estranhamento proveniente da constatação da absurdidade da existência humana. Tal existência é, em si, fraturada², justamente pelo caráter frustrante da experiência do Homem no mundo devido ao desnível entre suas expectativas e suas respectivas efetivações. O que ocorre é que há no Homem, um “desejo alucinado de durar”³ em constante oposição com a contingência da vida humana, que se desenrola no tempo e cujo ápice é seu próprio fim, sua morte. Essa é a estrutura inelutável da existência humana que, aqui, se revela absurda pela descoberta de sua constituição temporal e, justamente por isso, efêmera e contingente. Para utilizarmos uma expressão corrente do autor, a condenação à morte e, portanto, a finitude temporal, é o estado próprio do humano⁴.

Ao tomar consciência de fazer viver esse Absurdo a cada instante em que se mantém vivo ele mesmo, o Homem não pode mais se relacionar com a temporalidade da mesma maneira: ela é agora um elemento que ao mostrar-se como constituinte deste Homem desvela-se como um *alter*, que se

¹ CAMUS, A., *O mito de Sísifo* (trad. Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas), Lisboa, Edição Livros do Brasil, pp. 72-73. Todas as citações desta obra feitas neste trabalho serão dessa edição, salvo quando indicado.

² Cf. *Ibidem*, p. 67.

³ CAMUS, A., *O homem revoltado* (trad. Valerie Rumjaneck), Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 300. Todas as citações desta obra, feitas neste trabalho, serão dessa edição.

⁴ Cf., por exemplo, CAMUS, A., *O homem revoltado*, pp. 40 e 125, entre outras.

opõe e resiste a seus projetos existenciais. Há um choque entre “seu desejo de durar e seu destino de morte”⁵ que o toca justamente em sua tarefa de constituir-se como unidade entre sua existência positiva no mundo e suas inclinações e potências. Se a felicidade humana plena seria justamente o “acordo entre um ser e a existência que ele leva”⁶, a partir da constatação dessa impossibilidade que é também temporal, a temporalidade não é mais aquele aparente aliado, mas um elemento a ser esgotado em todas as suas possibilidades, porque fugaz.

Camus procede, então, a uma análise de figuras que acredita icônicas, dos tratos com a existência humana que se desvela absurda. Todas elas – o Don Juan, o Ator e o Conquistador – podem e devem ser vistas também como modos de relacionamento com a temporalidade, neste horizonte. À sua maneira, cada uma destas imagens do Homem absurdo procura em vão celebrar uma unidade entre sua existência e sua projeção inerente de si, pela multiplicação quantitativa das experiências vividas e, portanto, constitutivas de sua identidade enquanto existente no mundo; porém, de antemão fadadas ao fracasso, pois provenientes “de um mundo onde os pensamentos são privados de futuro, tal como as vidas”.⁷

Don Juan, elaborando justamente uma ética da quantidade, “desposa um grande número de mulheres e, com elas, suas chances de vida”⁸ e “multiplica aqui aquilo que não pode unificar”⁹. Busca a cada ocaso de um relacionamento um novo início e uma nova oportunidade de vida. Do mesmo modo o Ator, que se apropria de inúmeras personagens, vive uma infinidade de vidas no incessante desejo de apropriar-se da sua própria. Seu ofício lhe permite atravessar séculos em algumas horas de palco, ao vivenciar tanto antigos heróis trágicos como indivíduos modernos, na esperança de encontrar aí também a sua perenidade. Nas palavras de Camus, o Ator é o “viajante do tempo”¹⁰ em busca do que poderia ser e, a cada espetáculo esgota, tal como Don Juan, uma ou várias possibilidades de vida. Em algumas horas “vai até ao fim do caminho sem saída que o homem da platéia leva toda a vida a percorrer.”¹¹

⁵ CAMUS, A., “Noces”. In *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 85. Tradução nossa.

⁶ *Ibidem*, p. 85. Tradução nossa.

⁷ *Idem*, *O mito de Sísifo*, p. 28.

⁸ *Ibidem*, p. 92.

⁹ *Ibidem*, p. 94.

¹⁰ *Ibidem*, p. 100.

¹¹ *Ibidem*, p. 101.

Há ainda o Conquistador: para Camus, aquele que enfrenta o confronto e a luta mesmo sabendo-os sem amanhã. Tanto as vitórias quanto as derrotas são efêmeras e se esvaem com sua ação que, assim, se configura estéril. Ao domínio de terras e de povos, o autor compara o impulso à magnitude do domínio pleno de sua existência. Em suas palavras “em certos momentos todos os homens se sentem iguais a um deus (...) Mas isso vem do fato de eles terem sentido, num instante, a espantosa grandeza do espírito humano.”¹² Ao encontro com a morte e a mutilação em combate, ele impõe sua vitória, ainda que fugidia, na pretensa tentativa de impor-se a si mesmo perante a experiência de necessidade de sua própria finitude. Entretanto, nenhum de seus feitos tem valor, pois “no fim de tudo e apesar de tudo, está a morte.”¹³

Assim, o intervalo temporal que se denomina existência é, para o Homem que se descobre absurdo, espaço de tentativas desesperadas, pois sem amanhã. Por ser privado de eterno, ele quer aliar-se ao tempo¹⁴ a fim de saturá-lo. A temporalidade é, para ele, seu campo de ação¹⁵, mas de uma ação que inexoravelmente se esvai. O Homem Absurdo é, então, por força do confronto entre sua obsessão imanente pelo eterno, que se expressa em sua existência mortal, ontológica e temporalmente – que aqui são termos intercambiáveis –, corrompido e fraturado em seu interior. Nas palavras do autor, “o fosso entre a certeza que tenho da minha existência e o conteúdo que tento dar a essa certeza, nunca estará cheio.”¹⁶

Há a pergunta: seria então possível justificar a salvaguarda da vida do Homem que se reconhece como estrangeiro em sua própria existência por obra de um mal-entendido¹⁷, refutando o suicídio como solução, como o faz Camus, a partir de um princípio objetivo e universal? Para o autor, a resposta é afirmativa e passível de ser encontrada, justamente a partir do cerne do problema, também pela análise do relacionamento do Homem com a temporalidade que desvelara sua submissão à finitude e à contingência como seu destino inevitável.

¹² Ibidem, p. 110.

¹³ Ibidem, p. 111.

¹⁴ Cf. Ibidem, p. 108.

¹⁵ Cf. Ibidem, p. 85.

¹⁶ Ibidem, p. 32.

¹⁷ “O estrangeiro” e “O mal-entendido” são os títulos de um romance e de uma peça, respectivamente, de Camus.

Como dissemos, na radicalidade da mesma análise que desvelara o Absurdo, Camus encontra um caminho. Ao empreender uma fenomenologia da existência humana¹⁸, o autor depara-se justamente com aquela oposição ou, ainda, resistência de sua própria condição frente à expectativa de unidade querida pelo humano. Assim, o Absurdo aparece como um terceiro termo, proveniente do choque entre o Mundo entendido aqui como sua condição, e o Homem, que é proveniente de um juízo de valor formulado por este, sobre a validade daquela inclinação à vida e à unidade existencial inerente a si mesmo. É aqui que surge, para Camus, a Revolta e a possibilidade da existência de uma Natureza Humana que é a sede e fonte daquilo que deve ser preservado no Homem frente à sua finitude e à contingência de sua vida: “A análise da revolta nos leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo”¹⁹. É no seio daquele divórcio entre o Homem e sua existência que o autor a encontra, poderíamos dizer por redução ao absurdo, pois é aquilo que resta de inegável oposição à condição humana, uma negatividade objetivamente afirmativa ou, se se quiser, uma afirmação negativa, na qual o Homem pode apoiar-se e buscar a identidade e a unidade desejadas²⁰. Como nos diz Camus, “por que se revoltar, se, em si, nada há de permanente a ser preservado?”²¹.

Vê-se que tal conceito também seria passível de ser encontrado a partir do olhar sobre o relacionamento do Homem com a temporalidade que se desvela Absurda: se ela se apresenta como tal por ser refratária e opaca às investidas humanas de produção de sentido e de unidade existencial, porque efêmera e finita, é porque nela o “apetite de absoluto”²² constituinte do ente humano não se efetiva. Ora, é justamente devido a esse apetite inato do Homem, que insiste por reconhecimento, e por sua impossibilidade de impor-se plenamente que o Homem declara o Mundo como Absurdo; e

¹⁸ Utilizamos-nos do vocábulo “fenomenologia” na sua acepção literal, de estudo e análise do “phainós” ou daquilo que aparece.

¹⁹ CAMUS, A., *O homem revoltado*, p. 28.

²⁰ A redução ao absurdo (*reductio ad absurdum*), explicitada por Aristóteles em *Pr. Anal.*, II, 4, 57a 36 – 57b 17, consiste em, a partir da suposição de uma conclusão que se sabe falsa, refutar o argumento pela impossibilidade de serem mantidas as premissas ou as conseqüências delas derivadas.

²¹ *Ibidem*, p. 28.

²² *Idem*, *O mito de Sísifo*, p. 66.

é a tal apetite que Camus denomina Natureza Humana: é ela que permite aquele juízo de valor.

Para nosso autor, opera-se uma completa reviravolta no trato da temporalidade; o relacionar-se com ela que era, a princípio, quase inconsciente em seu projetar-se adiante ou ainda, que mostrou-se Absurdo porque fugaz e por isso destituído de sentido profundo para o Homem com inclinações ao absoluto, encarna, na Revolta, a abertura para a afirmação desta parte irredutível²³ da qual este não pode prescindir. Cumpre notar que as grandes linhas de fundo que percorrem o pensamento camusiano são a análise da condição metafísica, pois ocupada com o modo de ser da existência humana e, portanto, com o próprio ser do Homem²⁴. Se Camus busca alcançar uma teoria do *savoir se conduire*²⁵, é sobre uma antropologia filosófica e, podemos dizer, sobre uma ontologia do humano que ele a erige; e é a Natureza Humana que garante sua parcela de fixidez e seu ponto de apoio: “se não há Natureza Humana, a maleabilidade do homem, na verdade, é infinita”²⁶. Basta ver que, com o caminhar da análise metafísica da existência humana que culmina na Revolta, Camus aponta as diversas modificações de aproximação às diferentes dimensões constituintes da experiência humana no mundo – ética, cosmológica e temporal.

Na perspectiva temporal que aqui perseguimos, a temporalidade antes julgada pelo humano como pura resistência e oposição, pode, em certa medida, servir ao Homem em seu ofício de revalorar a si próprio e, por conseguinte, sua existência e seu Mundo.

3. TEMPORALIDADE E NATUREZA HUMANA: A APROPRIAÇÃO DE SI

A relação com a temporalidade mostrara, pelo divórcio entre o Homem e sua existência e a conseqüente ausência de um sentido perene, a falta de unidade identitária do Homem consigo mesmo. Se ele é em parte composto por sua Natureza Humana e, por outra parte, pela existência positiva que leva, se estabelece uma divisão no seu modo próprio de ser que é a causa do

²³ Cf. CAMUS, A., *Remarque sur la révolte*, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 1692. Tradução nossa.

²⁴ Sobre a preocupação metafísica de Camus conferir, por exemplo, CAMUS, A., *Lettre a Francis Ponge* – jan. 1943, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 1666.

²⁵ Cf. CAMUS, A., *Interview à ‘Servir’*, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 1427. Tradução nossa.

²⁶ Idem, *O homem revoltado*, p. 273.

que Camus chama de Absurdo metafísico. Esta duplicidade de forças em seu ser e que causa tal divisão do “Eu” é expressa no *O Mito de Sísifo*:

Esta idéia de que ‘eu sou’, a minha maneira de agir como se tudo tivesse um sentido (mesmo que, por vezes, eu possa dizer que nada o tem), tudo isto se encontra desmentido de maneira vertiginosa pelo absurdo de uma morte possível.²⁷

Assim, a Revolta, como possível resposta ao problema, deverá servir à tentativa de acordo entre o Homem e sua vida, entre si e si mesmo. É importante notar novamente que a preocupação camusiana é metafísica e não meramente psicológica, pois ataca a própria constituição do humano enquanto trata de sua existência em si. A temporalidade tornar-se-á, a partir da consciência da Revolta que aponta para a existência de uma Natureza Humana, justamente o “espaço” de tentativa de reunificação e busca da unidade de si e, portanto, como já dito, de sua felicidade.

A origem, então, do ofício do homem revoltado é, como diz Camus, o cuidado²⁸: um cuidado de si constante numa temporalidade efêmera e evanescente. Como já se pode entrever, tal empresa humana não pode dar-se em tal nível de consciência sobre seu modo de existir, numa esperança vazia num futuro que reconhece agora como incerto; trata-se de trabalhar para a unidade num presente contínuo, única temporalidade concreta na qual se pode dar a *práxis* unificadora do Homem. Como nos diz Camus, “a verdadeira generosidade em relação ao futuro consiste em dar tudo no presente”²⁹. Ora, a relação com a temporalidade é, a partir da descoberta em si próprio de algo a ser preservado, a de buscar a identificação mais plena possível com essa parte de si que clama por reconhecimento, “há em toda revolta uma adesão integral e instantânea do homem a uma certa parte de si mesmo”³⁰. O Homem pode fazer-se novamente aliado do tempo pela Revolta ao voltar ao cuidado de si, agora cômico de seus limites e “se afirmar contra sua condição”³¹.

²⁷ p. 73.

²⁸ Cf. CAMUS, A., “Le mythe de Sisyphé”, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 107. Nas “Notas e Variantes” constantes no mesmo volume da edição crítica (p. 1433), há a indicação de que, tanto nos manuscritos, quanto nas duas primeiras edições de *Le mythe de Sisyphé*, o texto era: “*le simple ‘souci’ au sens heideggerien*” ou ainda “*comme le dit Heidegger*”. Assim, optamos pela tradução “cuidado” e não “preocupação”, como o faz a edição portuguesa, para mantermos a referência à obra heideggeriana tal como o conceito é usualmente traduzido.

²⁹ CAMUS, A., *O homem revoltado*, p. 348.

³⁰ *Ibidem*, p. 26.

³¹ *Idem*, “Lettre à Guy Dumur – 03/01/1944”, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 1669. Tradução nossa.

Se a felicidade é o acordo identitário entre o ser e a existência que leva, e cabe aos Homens “forjar vós mesmos vossa felicidade e vossa dignidade”³², a tarefa própria a esse Homem é, então, forjar a si mesmo pela atualização dos valores postulados pela Natureza Humana numa apropriação de si que passa, necessariamente, pela apropriação do presente como abertura à constituição do Homem, sempre desejanste daquela unidade que plenificaria todo o gênero humano; todo ele está sob o mesmo jugo da finitude, da contingência e da fugacidade. Não há, para Camus, modo mais digno de empregar a duração da existência: “E qual acordo mais legítimo pode unir o homem à vida senão a dupla consciência de seu desejo de durar e seu destino de morte? Aprende-se ao menos a não contar com nada e a considerar o presente como a única verdade que nos foi dada por ‘acréscimo’”³³.

Ao aludir novamente ao *cogito* cartesiano, o autor lança como pedra fundamental de sua antropologia a Revolta, como constituinte da unidade do “eu sou” que pela transcendência da Natureza Humana, posto que ela ultrapassa o indivíduo e se aloja no cerne do humano justamente enquanto gênero, e aponta para o único caminho para a unidade possível do sujeito existente no tempo: “na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o *cogito* na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. (...) Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos.”³⁴

BIBLIOGRAFIA

- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- _____. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjaneck. Rio de Janeiro, Record, 1999.
- _____. “Noces”, in: *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade. Paris, Gallimard, 1965.
- _____. *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade. Paris, Gallimard, 1965.

[recebido em agosto 2006]

³² CAMUS, A., “Le Soir Républicain – 01/01/1940”, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 1384. Tradução nossa.

³³ Idem, “Noces”, in *Essais*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 85. Tradução nossa.

³⁴ Idem, *O homem revoltado*, p. 35.